

UM OLHAR SOBRE O AFETO: IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Patricia Maria de Oliveira; Micheline Maria da Silva Araújo; Sirleide Cristina Santana da Silva; Tâmara Marques da Silva Gomes (Orientador)

Faculdade Metropolitana da Grande Recife – tamara_msg@hotmail.com; lamari1976@hotmail.com

Resumo: A Educação Infantil é a fase da vida escolar da criança na qual são construídas as relações sociais e afetivas com seus pares fora do ambiente familiar. Sabendo que, uma relação pautada na afetividade irá desenvolver tanto a inteligência cognitiva quanto as relações sociais da criança, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar os aspectos afetivos na relação professor-aluno e destacar como uma relação de afetividade contribui para o ensino e aprendizagem dos alunos da Educação Infantil. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e observações em sala de aula, visando compreender e analisar os aspectos afetivos dessa relação. A partir dos estudos feitos durante o levantamento teórico e baseando-se nos conceitos de afetividade de Wallon, analisaram-se os dados, enfatizando a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil e a resolução de conflitos em sala de aula. Percebeu-se que as professoras participantes reconhecem a importância e buscam promover a afetividade em sua prática pedagógica, visando o desenvolvimento intelectual, emocional e social das crianças em busca da maturação dos caminhos percorridos pelos mesmos em seu desenvolvimento pleno, percebendo que é na Educação Infantil que estão os momentos que promoverão tais oportunidades. Destacamos que o objetivo deste estudo não era trazer um manual de como ser afetivo em sala de aula, mas sim apresentar o olhar de professores da Educação Infantil sobre a afetividade em sala, ressaltando a importância da mesma no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, observa-se a relevância deste estudo, visto que os resultados obtidos enriquecem as pesquisas voltadas para esta temática, proporcionando a reflexão sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, Afetividade, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a fase da vida escolar da criança na qual são construídas as relações sociais e afetivas com seus pares fora do ambiente familiar. Wallon (1942) traz em sua teoria que a afetividade será o fator principal para alimentar nossos maiores anseios no processo de amadurecimentos e de desenvolvimento dos fatores essenciais que são os cognitivos, sociais e afetivos. As relações afetivas serão os caminhos de conhecimentos adquiridos ao longo da vida um instrumento de possibilidades de se conectar com o mundo.

A afetividade será então um ponto de equilíbrio nas relações humanas estendendo-se durante toda a vida, já que contribui para a busca do indivíduo em estar bem consigo e com o outro. Segundo Wallon, “o espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação a nós próprios, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento.”

(*apud* HERCULANO,2016, p.17).

Dessa forma, a afetividade precisa ser trabalhada, estimulada em casa e nos ambientes escolares, espaços estes que têm uma função social que vai além da sala de aula.

A vida afetiva, assim como a vida intelectual é uma adaptação contínua e essas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais inteligência constitui a estrutura (PIAGET, 1999).

Uma relação pautada na afetividade irá desenvolver tanto a inteligência cognitiva quanto as relações sociais da criança. Por sua vez, o trabalho do professor com os discentes se dá nas relações construídas ao longo do ano escolar e com isso a afetividade cresce proporcionalmente as percepções cognitivas da criança, sendo um elo entre o ato do cuidar e educar, os quais são papéis distintos, mas que ocorrem em conjunto e de forma indissociável na educação infantil.

Sabe-se que a princípio, a educação infantil é criada com um cunho assistencialista. Segundo Oliveira (2005), no Brasil as entidades comunitárias, filantrópicas e religiosas eram responsáveis por essa demanda de crianças de 0 a 6 anos que o governo não considerava participantes de deveres do sistema educacional brasileiro. Só depois de 1922, surgiram as primeiras regulamentações sobre o atendimento a criança juntamente com um movimento de renovação pedagógico conhecido como escolanovismo, sendo uma visão oposta à educação tradicional, que discutia também a educação pré-escolar, porém os estudos da época eram voltados para as crianças das camadas sociais mais favorecidas. De fato, foi o ingresso da mulher no mercado de trabalho o pontapé para a discussão sobre o atendimento educacional para as crianças de 0 a 6 anos, revelando a necessidade de cuidados com essas crianças.

Entretanto, Kramer (2005) aponta a necessidade de discutir alguns conflitos encontrados por professores na educação infantil ao ter que cuidar e educar, visto que alguns docentes acreditam que a tarefa de cuidar não faça parte das suas atribuições em sala de aula, enquanto outras acreditam que cuidar e educar na educação infantil são indissociáveis e por isso devem caminhar juntos. As relações de afetividade entre professor/aluno perpassam o ato do cuidar e educar sendo um condutor entre o que aprende e o que media esse processo de ensino e aprendizagem. Vale ressaltar que, a proposta pedagógica na educação infantil visa incentivar a criatividade, partindo do lúdico e das relações sociais e, para isso, o afeto é fundamental.

A relação do afeto se inicia com as nossas relações interpessoais com o outro e, quando se trata de crianças, o profissional da educação infantil é

uma das referências que estas possuem no início da sua socialização.

Schettini fala sobre a Pedagogia da Ternura, nela afirma que o professor precisa entender “que ensinar é colocar para dentro o que está fora. É propiciar ao aluno a oportunidade de encontrar-se com o seu ambiente externo e integrar o que for compatível com suas capacidades, seus interesses e suas necessidades” (SCHETTINI, 2010, p.16).

Wallon (1954) estudou com mais empenho as questões afetivas. Segundo ele, é a afetividade que faz com que a interação com o meio ocorra, sendo a força que impulsiona esse movimento.

Diante do quadro aqui exposto, este estudo se propõe a analisar qual a importância dada pelos professores da Educação Infantil a afetividade no processo de ensino e aprendizagem. Tendo como objetivos específicos:

- Verificar a compreensão sobre afetividade dos professores da Educação Infantil;
- Identificar quais atividades o professor realiza para promover a afetividade em sala;
- Perceber qual a prática do professor para a resolução de conflitos entre os alunos.

MÉTODO

A partir do que foi exposto e reconhecendo a necessidade e contribuição da afetividade em sala de aula, o estudo aqui proposto apoia-se em uma pesquisa qualitativa a qual busca responder a seguinte questão: qual a importância dada pelos professores da Educação Infantil a afetividade no processo de ensino e aprendizagem?

A fim de alcançar os objetivos propostos realizou-se uma entrevista semiestruturada com seis professoras do grupo V com crianças de 04 a 05 anos de idade da Educação Infantil de três escolas da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho, no estado de Pernambuco. As seis professoras entrevistadas são pedagogas, quatro delas possuem especialização em psicopedagogia e as outras duas têm especialização na Educação Infantil.

O estudo procurou apoiar-se nas relações do professor com o aprendiz e de como este lida com as várias situações conflitantes existentes em sala como a sua relação com a criança e seus pais e como a criança se relaciona com este professor.

Partindo desse pensamento, elaborou-se o instrumento apresentado no Quadro 1 para a realização da entrevista.

Quadro 1: Questões norteadoras da entrevista semiestruturada

- 1) Para você o que é Afetividade?
- 2) Você acha que a afetividade é importante no processo de ensino e aprendizagem? Como ela contribui?
- 3) Você acha que estimula afetividade em suas aulas? Como?
- 4) Como você busca resolver situações de conflitos entre os alunos? Essas situações são recorrentes?
- 5) Como você lida com os medos da criança no período de adaptação da mesma no ambiente escolar?

Após as entrevistas, foram feitas cinco observações em cada sala de aula em dias alternados. As observações tiveram como propósito ampliar nossa análise, visto que possibilitou a comparação dos dados coletados nas entrevistas, bem como a percepção de diferentes abordagens metodológicas em um mesmo ambiente pedagógico. Através dessas observações foi possível perceber a prática docente na promoção da afetividade nessa fase muito peculiar do desenvolvimento infantil.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As análises foram feitas tendo como base as entrevistas realizadas com as professoras, relacionando-as com as observações em sala de aula, visando perceber quais caminhos que foram apontados pelas professoras para promover a afetividade em sala de aula. As respostas foram agrupadas e analisadas a partir de duas categorias: Afetividade em sala de aula e Resolução de conflitos, como se verá a seguir.

1. Afetividades em sala de aula.

Através das entrevistas realizadas foi possível perceber que as professoras compreendem o que é afetividade e têm noção de sua importância na prática pedagógica. Nas respostas dadas ficou claro o quanto as professoras se planejam para que as aulas sejam lúdicas, não apenas focando conteúdos escolares, tais como o ensino das letras e números, mas preocupando-se em trabalhar aspectos importantes nessa fase da infância, tais como a linguagem corporal, a criatividade e o imaginário. Esse pensamento pode ser percebido na fala da Professora 1:

“Nas aulas que tive na faculdade sempre me perguntei como seria na vida real, nada como a prática para nos mostrar o quanto é difícil os problemas enfrentados em sala. Ser afetivo, não é apenas abraçar, dar apoio aos alunos nos momentos de conflitos, é estar lá sempre nos bons e maus momentos. A afetividade é ter empatia nos bons e maus momentos. Crianças difíceis sempre vai haver, mas vai ser o professor que deverá quebrar tal barreira entre ele e o aluno. O primeiro passo deve vir de nós professores”.

Nesse sentido, ressaltamos que o aprendizado vem da necessidade do corpo de se conectar com o outro e com ele mesmo. Rodrigues (2009, p. 1) vem nos lembrar da necessidade de trabalhar esse olhar na educação infantil.

É necessário lembrar que amparamos nossas aprendizagens nos corpos. Constituímos e estabelecemos a nossa capacidade de aprendizagem nessa relação entre o meu corpo e o corpo do outro, entre o meu corpo e o mundo: o que é proveniente do mundo é captado pelos nossos sentidos corporais. Nem sempre a escola e o professor estão preparados para exercitar esse olhar. Deve-se pensar o corpo na educação em geral e na educação infantil em particular, pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, brincar são produções do sujeito humano que é corpo.

A Professora 2 traz essa visão quando respondeu o que faz para promover a afetividade em suas aulas:

“Não consigo imaginar minha aula sem fazer com que as crianças não se olhem, e respeitem o seu colega. Gosto muito do trabalho de leitura de imagem. Nessa atividade as crianças se entregam, e procuro trabalhar a valorização do outro, o elogiar! As crianças precisam ser elogiadas sempre!!!”

Esse ato de elogiar é afetar o outro e trazê-lo cada vez mais perto de si, pois Cunha nos traz tal pensamento: “em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto” (CUNHA, 2008, p.5).

É fato que a afetividade é mola propulsora da aprendizagem e o professor é o mediador dessa trajetória feita pelas crianças. Wallon (1978) relata que a afetividade vai se desenvolver no decorrer da vida das crianças ampliando as relações afetivas e o professor se torna um elo na dinâmica na relação de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. E também é fato que as salas de aulas das escolas brasileiras estão abarrotadas de alunos levando muitas vezes os professores a prática de metodologias mecanicistas para darem conta

da demanda crescente. Sendo esse um entrave nas praxes docentes.

No que se refere à promoção da afetividade em sala, percebemos que embora as professoras utilizem estratégias diferentes em alguns momentos, todas elas promovem atividades voltadas para a estimulação da imaginação, criatividade e socialização das crianças. Foi comum as professoras apontarem a contação de histórias, releituras, tarefas em grupo ou em dupla, brincadeiras e jogos coletivos como momentos propícios para o desenvolvimento afetivo. Como percebe-se nas falas das professoras 5 e 3.

Professora 5: “As crianças são consideradas pelos pais muito bobinhas às vezes, mas o que eles não entendem e que elas são muitas curiosas, observadoras. E isso precisa ser trabalhado de forma positiva em sala. Na contação de história, por exemplo, as dramatizações precisam ser bem boladas para que as crianças se entregue aquele momento. Eu adoro contar história e conseguir conquistá-los por que me fantasio e entro no personagem e eles não veem, mas a professora vê o personagem e isso é criar empatia, promover o desenvolvimento cognitivo não é necessariamente estar com um lápis na mão. Coisa que abomino no espaço da Educação infantil”.

Professora 3: “As atividades lúdicas são sempre vistas pelos pais como momentos de não fazer nada, é aí que existe o engano por parte deles. Esses são os momentos mais ricos em perceber o desenvolvimento emocional das crianças, fator determinante para nós educadoras pois nos mostra os caminhos para melhor desenvolver as competências necessárias nessa fase da vida das crianças”.

Para a criança estar em um ambiente seguro a promoção do afeto se faz de extrema importância para maturar as etapas que se seguem no seu desenvolvimento e crescimento físico, social e emocional. Fernández (1991) destaca a importância do professor nesse processo, visto que “para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (p. 47 e 52).

2. Resolução de conflitos

No que se referem aos medos dos alunos no ambiente escolar, todas as seis professoras entrevistadas responderam que os alunos levavam um tempo para se adaptar, tendo em vista suas relações com ambientes diferentes do familiar, como podemos perceber na resposta da Professora 2, ao ser questionada sobre como lida com o medo da criança ao ter seu primeiro contato com a escola relatou:

“Na realidade a adaptação vai ser mais fácil ou mais difícil conforme a rotina familiar da criança. Pais que saem mais com seus filhos, essas crianças não temem a novidade. Já os que não vivenciam tais situações se sentem temerosos com novos ambientes”.

Nas observações realizadas pode-se perceber que nos primeiros dias de aula o choro era constante. Entretanto, as professoras utilizaram diferentes estratégias para facilitar a adaptação dos educandos. Entre as situações observadas, vale destacar o planejamento elaborado conjuntamente pelas Professoras 1 e 2 que promoveram momentos com música, utilizando ritmos diferentes dependendo da situação em que cada turma se encontrava. Outro método utilizado pelas docentes foi a confecção da “Garrafa da calma”, um material feito de garrafa pet com cola glitter, purpurina e corante alimentar, baseado no método de Montessori (1907), a qual era utilizada por um tempo médio de 20 minutos e despertava a curiosidade das crianças, levando as mesmas a se acalmarem depois de uma crise de choro, ou briga entre eles.

Wallon teorizou cinco etapas no desenvolvimento da personalidade. No início a ligação está fundida na mãe, no seio familiar para ir aos poucos se individualizando, para ele “a sensibilidade da criança se estende ao ambiente; ela reproduz os seus traços e não se sabe distinguir deles” (WALLON, 1968, p. 151).

Essas ligações maternas ainda caminham com a criança de forma muito acentuada fazendo com que as crianças tenham medo da perda. Mas já na fase personalista onde é mais subjetiva, tanto para aprender a conviver com outras crianças de sua idade e com adultos diferentes do seu meio familiar, contribuindo para o fortalecimento da individualidade. As crianças segundo Wallon estão mais propícias à aquisição do conhecimento porque seu cognitivo está aberto a novas descobertas.

Em relação aos conflitos existentes entre os próprios alunos, as professoras apresentaram algumas estratégias. A professora 2 foi a única que afirmou resolver tais

situações com atividades lúdicas como por exemplo: o jogo da memória, jogo da caça as imagens.

“Na hora que acontecem os conflitos entre os alunos, os chamo. Dou uma chamada do tipo: Se desculpem! Vamos todos agora brincar um pouco com o joguinho da memória, vai ser de dupla. E distribuo os jogos sempre supervisionando os dois que deixo jogando junto sabe, e veja que eles acabam se entendendo logo em seguida. Quanto mais damos ênfase ao fato eles tornam a situação maior do que realmente é”.

As demais professoras apontaram o diálogo com os alunos e com a família como sendo a solução mais adequada para resolução de tais problemas.

Professora 6: Os conflitos vão existir sempre em sala, mas as atitudes que exercemos aqui serão exemplos para futuras ações dos alunos. Por isso penso em dialogar com eles. Trazendo as partes envolvidas e mostrando o que cada um errou de forma seria! Não passando a mão na cabeça de um e culpando o outro. Diálogo sempre!

Ainda acerca dos conflitos existentes entre os pares, as professoras enfatizaram que a sociabilidade vai sendo introduzida através das atividades propostas. Que possibilitem esta sociabilidade e o diálogo, a promoção do bem estar nas diversas estratégias pedagógicas elaborada pelas docentes aos alunos com a participação dos membros da escola e a família.

Entendendo que cada profissional adota uma postura sobre os problemas enfrentados em sala de aula e que a primeira infância onde está o público alvo desse trabalho, é de extrema importância que tenhamos uma visão do que oferecer aos alunos, já que são os professores os responsáveis por auxiliar nesse caminhar das crianças rumo à aquisição da aprendizagem recorrendo aqui às ideias de Winnicott que enfatiza muito bem o quesito conflitos que incluem a família e a escola.

É tarefa de pais e professores cuidar para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle ou, por medo, assumirem elas próprias a autoridade. A assunção de autoridade provocada por ansiedade significa ditadura, e aqueles que tiveram a experiência de deixar as crianças controlarem seus próprios destinos sabe que o adulto tranquilo é menos cruel, enquanto autoridade, do que uma criança poderá se tornar se for sobrecarregada com responsabilidades (WINICOTTI, 1939, p. 95 apud LUZ, 2008).

Nas observações, percebeu-se que todas as professoras relacionaram seus atos como afetivos quando direcionavam os alunos a situações de conforto, para minimizar a falta de casa, o medo do ambiente novo. Mesmo tendo toda a questão

afetiva envolvida não deixa de impor as regras necessárias à convivência em sala e exercer a figura de autoridade da mesma, sendo necessária em momentos de conflitos.

As atividades são sempre de interação pelo que foi respondido, e que o ato de brincar faz parte da dinâmica da sala. A que se falar do ato da brincadeira e do brinquedo escolhido fazendo a relações afetivas e cognitivas com essa ação. Vygotsky (1998) discute sobre esse momento.

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. “O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que, a criança opera com um significado alienado numa situação real...” (VYGOTSKY, 1998, p. 130).

O ato de aprender parte de perspectivas prazerosas, não podendo intimidar, mas aproximar cada vez mais as crianças ao círculo escolar. Rossini (2003, p. 11) também teoriza e enfatiza essa questão: “aprender tem que ser gostoso. A criança aprende efetivamente quando relaciona o que aprende com seus próprios interesses”.

CONCLUSÕES

A partir das entrevistas e observações realizadas se pode alcançar o objetivo de analisar qual a importância dada pelos professores da Educação Infantil a afetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Foi evidenciado que as professoras participantes reconhecem a importância da afetividade nas salas de educação infantil, promovendo momentos de brincar e criar, contribuindo para a espontaneidade dos educandos. Percebe-se também que as professoras entendem que essa é uma fase de extrema importância na escolarização das crianças, sendo um momento que não pode ser deixado de lado e ressaltando que a rotina escolar e suas regras precisam ser inseridas na vida da criança, assim como se espera que em casa elas também possuam tais rotinas.

As atitudes das professoras em relação às tomadas de decisões sobre os conflitos existentes mostram que cada uma, por estarem mais familiarizada, com os alunos, seus hábitos e comportamentos, tomou posturas sempre de conciliação. Nas observações, perceberam-se vários momentos de birras, de choro sem motivo aparente, mas nenhum no qual o aluno foi repellido pelo seu ato por parte das professoras. Mostrando-nos a segurança, a

tranquilidade, paciência e amor de cada uma durante os momentos de conflitos ocorridos em sala de aula.

Destacamos que o objetivo deste estudo não era trazer um manual de como ser afetivo em sala de aula, mas sim apresentar o olhar de professores da Educação Infantil sobre a afetividade em sala, ressaltando a importância da mesma no processo de ensino e aprendizagem. Logo a entrega e dedicação na mediação do crescimento dos alunos é o fator que move muitos professores, essas histórias de comprometimento, de angústia, de alegria e respeito aos seus alunos, na verdade já é puro afeto.

A partir dos dados coletados percebe-se o quão importante é a afetividade nas concepções das docentes, as quais buscam não aprisionar a criança em processos didáticos planejados de forma mecânica. Identificar muitos elementos positivos nas práticas pedagógicas das professoras de escolas públicas nos traz esperança e motivação para continuar pesquisando essa temática, reforçando a necessidade da realização de mais estudos direcionados a prática pedagógica e sua relação com a afetividade.

REFERÊNCIAS

CUNHA. Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** Wak, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

<http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_importancia_da_afetividade_no_proceso_ensino_aprendizagem.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2017.

DANTAS, H. La Taille, Y, Dantas, H., Oliveira et. al. (1992) **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.** Summus Editorial Ltda., São Paulo, 1992. Disponível em: <<https://petpedufba.files.wordpress.com/2016/02/piaget-vygotsky-wallon-teorias-psicogeneticas-em-discussao-1.pdf>>. Acesso em: 03 de abril de 2017.

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada.** Artes Médicas - Porto Alegre, 1991. Disponível em: <<https://topicopsicologiasociall.files.wordpress.com/2015/03/fernandez.pdf>>. Acesso em: 18 de Abril de 2017.

HERCULANO, Silva Cristina. **Adentrando os espaços de aprendizagem da coordenação pedagógica: um estudo da psicogenética walloniana.** Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/16222/1/Silvia%20Cristina%20Herculano.pdf>> Acessado em 10 de maio de 2016.

KRAMER, S. (Org.). **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9.ed., São Paulo: Ícone, 2001^a. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins-9788579831034-10.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2017.

LUZ, Iza Rodrigues. **A agressividade na concepção de Winnicott e suas implicações para a Educação Infantil**. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista. Ano VI, n. 11, p. 109-137, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/4249/pdf_220>. Acesso em 30 de março de 2017.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: Fundamentos e Métodos**. 2^a edição. Cortez, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003235.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2017.

PIAGET, J. PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editora, 1932, 1994. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/revistacegra/article/viewFile/284/293>>. Acesso em 15 de março de 2017.

PIAGET, Jean. **1896-1950: Seis estudos da psicologia**/Jean Piaget; tradução Maria Alice Magalhaes D' Amorim e Paulo Sérgio Lima e Silva-24ed. - Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1999. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/SEIS-ESTUDOS-DE-PSICOLOGIA-JEAN-PIAGET.pdf>>. Acesso em: março de 2017.

RODRIGUES, Judite. **Corporeidade e aprendizagem: uma relação político pedagógica**. 2009. Londrina /PR. Artigo decorrente da Dissertação de Mestrado de Judite F. Rodrigues, 2007 Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/14042/1/corporeidadeeaprendizagem/pagina1.html>>. Acesso em 01 de abril de 2017.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Petrópolis. Vozes RJ, 2001. Disponível em: <http://usj.edu.br/wpcontent/uploads/2015/08/TCC.GLORIA.CORRIG.USJ_.2009.03.pdf>. Acesso em 11 de abril de 2017.

SCHETTINI, Luiz Filho. **Pedagogia da ternura**. Vozes: Pernambuco, 2010.

SCHETTINI, Filho Luiz. **Pedagogia da convivência: prática das relações interpessoais**. Vozes: Pernambuco, 2015.

VYGOSTKY, L.S. **As emoções e seu desenvolvimento na infância**. São Paulo 1998: Martins Fontes. Disponível em: <<http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20vygotsky.pdf>>. Acesso em 15 de março de 2017.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.